

<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/256627171>

Ensinar a viver: o sentido do ato de educar em Edgar Morin

Celso José Martinazzo^{I, II}

MORIN, Edgar. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

No livro *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação* (2015), recentemente traduzido para o português, Edgar Morin, pensador contemporâneo francês, expõe com extrema clareza de linguagem e argumentação algumas de suas concepções sobre o processo educacional que soam como um manifesto para mudar a educação. Não se trata, como pode transparecer pelo subtítulo, de obra com caráter preceitual e impositivo, mas é, sem dúvida, propositivo e convincente.

O livro *Ensinar a viver*, assim como os demais já escritos por Morin, tem o estilo, a originalidade e a profundidade do pensador. No percurso dos seis capítulos, a leitura flui de forma agradável e convincente. O estudo representa um marco para a educação, pois dá início a uma série de obras intitulada *Mudar a educação*, “[...] destinada a repensar e a tratar de todos os diversos e múltiplos problemas que afetam nosso sistema educativo” (p. 10). Por essa razão, o livro retoma e recapitula, em um contexto atual, as principais ideias e crenças do autor sobre o processo e o sistema educacional.

Neste livro, assim como vem fazendo de forma enfática em sucessivas obras nos últimos 20 anos, Morin aborda os principais elementos que

^I Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: <marti.sra@terra.com.br>; <<http://orcid.org/0000-0001-6376-3409>>.

^{II} Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

constituem o processo educacional, dando destaque àquilo que há de mais nuclear, ou seja, busca encontrar razões que justifiquem o existir da escola, a missão do ensinar e o sentido da educação. Para essa tarefa, analisa e explicita desde os conceitos e referenciais teóricos até os procedimentos operacionais e práticas pedagógicas.

No início do texto, antes do sumário, o autor alerta para o estágio crítico em que as sociedades atuais se encontram e, para superar esse mal-estar, é necessário pensar em iniciativas e soluções originais que possam contribuir com novas perspectivas para o futuro da humanidade e do planeta. Morin aponta para algumas evidências da crise profunda que atinge a humanidade: "desregramento ecológico, exclusão social, exploração sem limites dos recursos naturais, busca frenética e desumanizante do lucro, aumento das desigualdades encontram-se no cerne das problemáticas contemporâneas" (p. 5). Ao longo do livro, Morin vai acrescentar que todo esse panorama, hoje, tem a implicação de alguns componentes novos a perpassá-lo, pois "[...] uma revolução selvagem das condições de aquisição dos saberes encontra-se em curso na internet e se amplia cada vez mais. Essa revolução afeta a economia, as relações humanas e a própria educação" (p. 178).

Demonstrando uma contumaz obsessão pelo verdadeiro conhecimento, Morin propõe-se a refletir: Qual deve ser a razão da escola? Qual o sentido do ato de educar? A resposta para essas e outras perguntas será o foco do capítulo I – *Viver* –, que Morin anuncia da seguinte forma: cabe à escola, em última análise, ensinar a viver. Todas as intencionalidades do ato de educar e das ações pedagógicas têm como propósito ensinar o aluno a viver – esse propósito deve ser uma preocupação que vai desde os objetivos específicos de cada componente disciplinar, de forma menos explícita, até os objetivos de cada área ou mesmo nível de ensino.

Morin emprega a expressão "ensinar a viver" inspirado no filósofo Rousseau que, no auge da modernidade, ao se referir à educação de seu filho Emílio, escreveu: "Viver é o ofício que eu lhe quero ensinar". Tudo o que se espera da escola, portanto, é que ela ensine o aluno a aprender a viver, e essa tarefa tem uma gama significativa de desdobramentos e implicações que Morin procura elucidar e trazer para o tempo presente, buscando respostas para perguntas como: O que é a vida? Qual o significado do viver? O que significa o bem-viver e o viver bem? É possível lidar com as incertezas? O que é viver com liberdade e autonomia?

Morin, ao longo do livro, ratifica seu diagnóstico sobre a escola atual, denunciando que ela

[...] não fornece os meios que permitem conhecer a si mesmo e compreender o próximo. Não fornece a preocupação, o questionamento, a reflexão sobre a boa vida ou o bem-viver. Ela não ensina a viver senão lacunarmente, falhando naquela que deveria ser sua missão essencial (p. 54).

Ao buscar respostas para essas questões desafiadoras, o autor resgata a importância da reflexão, muitas vezes, segundo ele, sacrificada em

nome da eficiência e eficácia do pensamento, do cálculo, das decisões e dos resultados. Talvez Morin encontre na Filosofia, apesar da divisão dos saberes particulares, um sentido e um espírito de unidade, de sistema. Esse distanciamento que é facultado pela Filosofia permite ao sujeito enxergar a si mesmo como objeto, mesmo sabendo que se é sujeito, é oportunizado pela reflexão filosófica. Segundo o autor (p. 39), “o que é necessário ensinar e aprender é exatamente isto: saber se distanciar, saber se objetivar, saber se aceitar, saber meditar, refletir”. Compreender a si mesmo para compreender os outros e saber viver é a filosofia da Filosofia.

Morin defende a concepção de que a escola atual não está sabendo preparar as novas gerações para viver a aventura da vida com a seriedade que esta merece. A escola “não fornece as defesas para se enfrentar as incertezas da existência, não fornece as defesas contra o erro, a ilusão, a cegueira” (p. 54). Por essa razão, o autor retoma em diferentes momentos da obra, sobretudo no capítulo V – *Ser humano* –, conceitos sobre a natureza e a dignidade humanas que já estavam presentes em obras anteriores.

O fracasso evidente da escola no que se refere a sua missão de ensinar a viver é analisado por Morin nos capítulos II – *Uma crise multidimensional* – e III – *Compreender* –, com uma crítica exacerbada ao ensino atual que promove a inadequação entre os saberes fragmentados, em forma de disciplinas, e a realidade, cujos problemas são cada vez mais de ordem polidisciplinar, transversal, multidimensional e planetária. O conhecimento disciplinar e fechado, instituído historicamente, ainda que proporcione avanços científicos, por si só impossibilita a real compreensão dos problemas do mundo. É necessário um conhecimento pertinente e transdisciplinar que contemple os diferentes saberes sem isolá-los, que situe e religue as informações e o conhecimento em si, no seu contexto, possibilitando uma visão de mundo mais complexa.

No capítulo IV – *Conhecer* –, Morin analisa, com visão crítica, as cegueiras e limitações do conhecimento atual e apresenta alguns princípios cognitivos que auxiliam no processo de produção de um conhecimento pertinente e complexo. No entendimento do autor, a metamorfose de qualquer realidade depende da sua capacidade de regeneração – tudo aquilo que não tem essa capacidade acaba por fenecer. Toda regeneração pressupõe uma matriz geradora de transformação, portanto, uma metamorfose é produto de contínuas regenerações: “Eu afirmaria que o ser humano só pode se autoproduzir e se automanter se ele se autorregenerar” (p. 113). Esse é um princípio da complexidade do real e pressuposto para qualquer inovação que se aplica ao universo tanto biofísico quanto sociocultural. Não há, portanto, inovação e transformação sem regeneração.

Na ótica de Morin, os princípios hologramático, dialógico e de causalidade circular constituem os pilares do pensamento complexo para a reforma do pensamento ou das mentalidades, que é necessária e fundamental para a reforma do conhecimento e a da educação. As reformas são interdependentes entre si e, portanto, realimentam-se umas das outras num movimento recursivo – conservam e renovam. Assim, “a reforma do conhecimento e do pensamento depende da reforma da educação que

depende da reforma do conhecimento e do pensamento” (p. 182). Cria-se, com isso, um círculo virtuoso para um novo horizonte de compreensão e, por consequência, de ação.

As três reformas são interdependentes e complementares e pressupõem como ponto de partida a *reforma do pensamento*. Esta expressão é adotada por Morin para indicar a necessidade de reformulação do modelo de pensamento atual, ou seja, dos princípios cognitivos de compreensão do real. A reforma do pensamento, portanto, é o pré-requisito indispensável para uma mudança da educação e do ensino e, por força recursiva, a exigência de uma reforma do ensino para reformular o pensamento.

A reforma do pensamento teria potencial de força regeneradora e desviante também para o processo educacional, já que ela é o princípio regenerador capaz de provocar profundas mudanças. Segundo Morin, para compreender uma realidade complexa, é necessário um pensamento complexo compatível com a exigência que dele se faz. Esse é o pressuposto primeiro e fundamental para qualquer reforma tendo em vista que nosso modelo de pensamento é do tipo simplificador, portanto, incapaz de compreender as complexidades da realidade.

Morin alerta que o ensinar a viver, no entanto, não pode se apoiar em ações pedagógicas que tenham como base apenas princípios epistemológicos. O processo cognitivo é fundamental para captar e resolver os problemas que se apresentam no cotidiano de cada um, mas a educação possui também outras grandes finalidades a atingir, que são de cunho ético e político: “[...] esboçam-se as duas grandes finalidades ético-políticas do novo milênio: estabelecer uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos por meio da democracia; fazer da humanidade uma comunidade planetária” (p. 157).

No último capítulo – *Ser francês* –, Morin explicita como é possível estabelecer uma política de civilização, em tempos de crise de integração, com base no estudo da História e do presente da realidade de cada país.

Na conclusão ainda resta um espaço para Morin apostar na centralidade da figura do professor na condução do processo educacional a quem ele chama de regente da orquestra e a quem confia que “[...] pode e deve guiar a revolução pedagógica do conhecimento e do pensamento” (p. 179).

O livro é fértil e desafiador, tendo como base o pensamento complexo e suas indispensáveis relações com o processo da educação. Oferece, por essa razão, a todos aqueles que lidam com as questões educacionais, uma valiosa contribuição para refletir sobre o presente e o futuro da educação.

Recebido em 25 de fevereiro de 2016.

Aprovado em 28 de abril de 2016.